

Guido Manoel adota tom conservador mais uma vez

Após reduzir previsão do PIB na segunda-feira, ministro disse que crise internacional ainda restringe crescimento

Mariana Mainenti

mariana.mainenti@brasilconomico.com.br

Sonia Filgueiras

sonia.filgueiras@brasilconomico.com.br

Os ministros da Fazenda, Guido Manoel, e do Desenvolvimento e Comércio Exterior, Mauro Borges, adotaram uma postura realista, pelo menos no que diz respeito ao processo de recuperação da economia internacional – importante alavanca para o crescimento doméstico. “É um processo lento, porque os países, principalmente os avançados – epicentro da crise –, têm vários problemas para resolver. É por isso que nossas projeções para os próximos anos ainda são moderadas”, disse o ministro da Fazenda, Guido Manoel, durante o seminário “Brasil Novo – Discussões para a Construção de uma Agenda Positiva no Congresso Nacional”, realizado ontem na Câmara dos Deputados.

Para o ministro, as perspectivas de crescimento da economia brasileira são positivas e a crise está “arrefecendo”, mas ressaltou: “Emergentes (incluindo o Brasil) estarão sempre crescendo acima dos avançados, porém a taxas mais modestas”. Segundo ele, a lenta expansão do comércio internacional “dificulta”. Na última segunda-feira, o ministro anuncia a redução das projeções da Fazenda para o crescimento do PIB neste ano, de 2,5% para 2,3%. Para 2015, a previsão é de 3% de expansão; e de 4%, em 2016 e 2017.

Na mesma linha, o ministro do Desenvolvimento, Mauro Borges, afirmou que o novo ciclo de crescimento “não terá a pujança do ciclo anterior, de 2000”. Segundo ele, desta vez não há um grande “vetor” capaz de puxar a expansão da economia mundial, papel que coube à China no período pré-crise. “Será uma recuperação relativamente lenta, com taxas relativamente baixas, mas há um ciclo de expansão”, disse.

Manoel afirmou que “o empenho é total” para impedir que a inflação ultrapasse a meta neste ano (6,5%, medido pelo IPCA). “O aumento da inflação é deletério, principalmente, para o trabalhador brasileiro”, declarou, acrescentando: “Não ultrapassamos limite superior de 6,5% há dez anos seguidos e assim continuaremos. Este ano não vamos ultrapassar”. O ministro mencionou a des-



Manoel ressaltou que os emergentes continuam crescendo mais, contudo, a taxas menos intensas

Em 2014, um dos objetivos do BNDES é ampliar o financiamento ao setor privado a custo de mercado, para evitar pressões no caixa do Tesouro Nacional

Antonio Cruz/ABr

“

É um processo lento, porque os países, principalmente os avançados, têm vários problemas para resolver. É por isso que nossas projeções para os próximos anos ainda são moderadas”

Guido Manoel

Ministro da Fazenda

valorização cambial, a ampliação do preço das commodities e os problemas climáticos, que elevaram os preços de hortifrutigranjeiros dentre as causas de elevação dos índices de preços. Segundo ele, apenas a depreciação do real frente ao dólar resultou em 0,5 ponto percentual sobre o IPCA anual. “Em maio e junho a inflação estará em patamar bem mais baixo que está hoje”, previu.

Para fundamentar as previsões de crescimento, Manoel informou que o governo aposta em duas linhas: nos investimentos em infraestrutura e na ampliação da produtividade e da inovação no setor produtivo, com foco no desenvolvimento do capital humano. O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luciano Coutinho, reforçou: “Nada nos impede de manter um crescimento for-

te se aumentarmos a taxa de investimento da nossa economia”. E adiantou que, em 2014, um dos objetivos do banco é ampliar financiamentos ao setor privado a custo de mercado, para evitar pressões no caixa do Tesouro. Manoel aproveitou para reafirmar os fundamentos sólidos da economia brasileira e criticou as teorias “improvisadas” e “equivocadas” que atribuíam fragilidade à conjuntura econômica.

O presidente do Bradesco e da Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNF), Luiz Carlos Trabuco, também presente ao evento, adotou um tom positivo para definir o futuro: “Nós não estamos em rota de colapso”, declarou, acrescentando que o sistema financeiro é “otimista” em relação ao Brasil. Para ele, as concessões e os investimentos em infraestrutura representam uma

grande oportunidade. “Não falo em gargalo na infraestrutura, prefero falar o bônus da infraestrutura”. Mas Trabuco criticou, como outros empresários presentes, a carga tributária: segundo ele, os impostos sobre as atividades de intermediação financeira respondem por 18% do PIB. Uma cunha fiscal menor permitiria a expansão do crédito, disse.

Ao comentar a decisão do governo de cortar gastos, o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade, declarou: “Eugostaria de ver uma redução das receitas dos impostos”. Andrade defendeu mais agressividade do governo na defesa de mercados internacionais, ao afirmar que a indústria brasileira está em desvantagem competitiva: “No comércio mundial há uma guerra que envolve não apenas empresas, mas também governos”.